Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

FOBIA E FUNÇÃO PATERNA

Maria Cristina Teixeira Prandini – mcprandini@uol.com

Resumo: A partir de um recorte clínico, propõe-se discutir elaborações que Lacan faz no Seminário IV e no texto “Nota sobre a criança”, particularmente a relação entre a fobia e a função paterna. É necessário diferenciar o lugar que o sintoma da criança ocupa, como a verdade do casal parental ou como parte do fantasma da mãe. O sintoma fóbico tratado em transferência permite a criança deixar de ser a resposta à questão dos pais e passar a ter a sua própria pergunta.

Palavras-chave: sintoma fóbico, função paterna, parentalidade

São Paulo

2022

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

PHOBIA AND PATERNAL FUNCTION

Maria Cristina Teixeira Prandini – mcprandini@uol.com

Abstract: From a clinical perspective, it is proposed to discuss elaborations that Lacan makes in Seminar IV and in the text “Note on the child”, particularly the relationship between phobia and the paternal function. It is necessary to differentiate the place that the child's symptom occupies, as the truth of the parental couple or as part of the mother's ghost. The phobic symptom treated in transference allows the child to stop being the answer to the parents' question and start having their own question.

Keywords: phobic symptom, paternal function, parenting

São Paulo

2022

A partir de um recorte de uma análise de um garoto de 7 anos, ocorrida há bastante tempo, vou discutir algumas elaborações contidas no seminário IV, particularmente a relação entre a fobia e a função paterna.

Neste seminário, assim como nos anteriores, Lacan está dialogando com os pós-freudianos, questionando o rumo dado aos conceitos psicanalíticos. Questionamento que ele faz retornando ao texto de Freud, à luz do Simbólico, Imaginário e Real, esta trilogia que é a sua invenção, que não está em Freud e não tem correspondência, criando assim um novo paradigma.

Com esta trilogia, Lacan também diferencia o campo pulsional do campo biológico, distinção que estava sendo apagada.

Cada vez mais se torna frequente no seu ensino o uso de grafos, esquemas, que, como disse Mauro, é também a forma de Lacan se diferenciar de Freud. Ou seja, é um retorno e uma separação.

O tema deste seminário é a relação de objeto que ele contesta categórico: não há relação de objeto, sendo assim fiel a Freud que desde o Projeto, faz constar o objeto como falta.

Lacan dá ao conceito de falta um outro alcance; não o caráter negativo e sim o que move a construção da subjetividade.

Escolhi trabalhar também com um pequeno texto de Lacan que é “Nota sobre a criança” um manuscrito de duas folhas que ele entrega a Jeny Aubry, pediatra e psicanalista, contemporânea a ele e que foi publicado nos “Outros Escritos”.

Este texto é do final dos anos 60, Lacan já está transmitindo o seminário XVII, portanto já tem um percurso teórico que dá um novo alcance a algumas questões surgidas no seminário IV.

Vou me deter na diferença que ele faz do sintoma da criança como a verdade do casal parental ou do sintoma fazendo parte do fantasma da mãe.

Duas posições com distintos efeitos sobre a criança e direções diferentes numa análise.

Um recorte da clínica: começo trazendo uma frase do paciente, a quem vou chamar Rafael:

“Então, Cristina, por hoje terminamos?”

Frase dita logo no início da sessão, que demorei um pouco para entender:

“Você nem chegou e já quer ir embora?”

Até me dar conta que era de outra ordem: era uma espécie de aval, podia começar a sessão, porque iria ter um término, a saída garantia a possibilidade da entrada.

Penso que todo analista que atende crianças e que tem experiência no tratamento das fobias, e estas duas coisas são praticamente sinônimas, já se viu diante desta expressão: “sem saída”, seja pelo caráter de estranheza que o objeto da fobia imprime, seja pela relação com o espaço, tão comum aos sintomas fóbicos.

Mas não foram estes sintomas o motivo da vinda dos pais de Rafael ao meu consultório. Pelo contrário, a minha hipótese é que o desenvolvimento da fobia foi efeito da análise.

A fobia teve como função, fazer um apelo, um pedido de ajuda a um pai simbólico. Acredito que foi isto que ocorreu: de manifestações no corpo que o ligavam à mãe, pode fazer um apelo para encontrar outra alternativa.

Os pais me procuram por indicação da escola... alguma coisa não vai bem com este menino, é esperto, considerado inteligente, mas o desempenho é precário, tem alguns medos, é inseguro.

Em algum momento das primeiras entrevistas com os pais, a mãe se refere às faltas dele à escola. “Talvez ele não vá muito bem porque perde aula, falta pelo menos uma vez por mês, fica doente, tem febre, precisa ir ao laboratório fazer exame de sangue para descobrir o que tem.

“Uma vez por mês?”

A mãe confirma... sim, tanto que ela anota na agenda, que tira da bolsa para conferir e confirmar... está lá anotado.

“O fato de ser mensal sugere alguma coisa a vocês?”

Ao que o pai responde que a única doença que tem regularidade é o ciclo menstrual, para um enorme susto da mãe, que conta neste momento, que vinha sofrendo de menopausa precoce há alguns meses, o que a tem deixado bastante deprimida.

As manifestações psicossomáticas trazem dificuldades para o analista: questões alojadas no corpo ficam pouco interrogadas do ponto de vista da subjetividade. Toda ou quase toda demanda de saber se dirige aos profissionais da medicina.

Há também um risco do analista se deixar fascinar por interpretações psicologizantes que diluem ainda mais as questões do sujeito.

Lacan foi cauteloso ao tratar destes fenômenos, preferiu chamá-los de fenômenos, hesitando em nomeá-los como sintomas.

Nasio se refere a estes acontecimentos como formações do objeto a, ou seja, fora da simbolização, marcadas pela presença do real.

Sem me estender nos detalhes da estória desta família, isto que se evidencia nas primeiras entrevistas dá um cenário da economia libidinal vigente.

A chegada de uma criança ao consultório ainda hoje nos traz os ecos das discussões ocorrida nas Grandes Controvérsias, contemporâneas ao seminário IV.

Melanie Klein e Anna Freud dividem a comunidade analítica ao se opor na concepção do que é uma criança e na forma de tratá-la.

A criança como efeito do investimento dos pais, mais suscetível de ser educada do que analisada, incapaz de fazer transferência, uma vez que não tem consciência de seu mal-estar – posição de Anna Freud.

A criança portadora de seu mundo fantasioso, quase como um produto de si mesma, que transfere para o analista, podendo sim ser ouvida e interpretada - posição de Melanie Klein.

Entendendo o sujeito inserido num contexto simbólico que o antecede, marcado pelas identificações imaginárias, Lacan avança e faz cair por terra esta oposição.

Ao receber pais com suas preocupações com um filho, eu penso que o analista deve se posicionar numa condição que lhe permita escutar quem sofre, de que ordem é este sofrimento e como este se enlaça na transferência.

Mesmo entendendo o mal-estar do filho como a verdade dos pais ou ligado ao fantasma materno, eu penso que a criança pode ser ouvida, para que não se desconsidere o seu sofrimento e que se possa escutar de que forma ela dá corpo ao lugar que lhe é destinado.

Em uma das primeiras sessões de Rafael, uma frase me chama a atenção:

- “Você sabe jogar truco, Cristina?”

Diante da minha resposta negativa ele diz:

- “Então pede para o seu marido te ensinar, assim você já vem sabendo”.

Curiosa esta frase.

Supõe a analista sexuada, fazendo parte de um casal, há uma ideia de uma anterioridade de um saber que é transmitido por um outro.

Há também uma indicação clara que ele não quer se ocupar de algo que não é da sua competência.

Fica para mim a questão: o que uma analista precisa “já vir sabendo” ao atender uma criança?

E a mãe, antes de ser mãe?

No seminário IV, Lacan discorda de Alice e Michael Balint que supõe uma relação dual entre a mãe e o filho. É fiel a Freud que diz que a ligação que a mulher faz com o filho está condicionada à forma como ela vive a sua falta fálica.

> O triângulo (mãe-criança-falo) é em si mesmo pré-edipiano. Ele só é isolado por abstração e só nos interessa na medida em que é retomado em seguida no quarteto que se constitui com a entrada em jogo da função paterna...” (Sem IV, p.81).

Esta discussão que Lacan estabelece sobre a relação dual, tem efeitos em dois campos: da constituição do sujeito e do tratamento analítico; não se trata da relação intersubjetiva com ênfase na contratransferência, e desta forma abre caminhos para mais tarde teorizar o desejo do analista.

Voltando ao Rafael – é quase com orgulho que me conta que não se importa em fazer exame de sangue, nem tem medo de agulha, num dia só pesquisou um grande número de doenças.

Decepcionado com a minha falta de entusiasmo, ainda tenta me convencer: “... e depois eu ainda tomo aquele café da manhã.”

Há sempre um ganho para a criança, ganho de amor que a sustenta num lugar que lhe é determinado, o que a leva a fazer, o possível e às vezes o inimaginável para corresponder.

Tudo iria bem (ou bem mal) neste estranho acordo do qual a mãe e filho participam sem se dar conta, se as notas baixas na escola não viessem denunciar que algo está falhando.

E o que falha?

O valor que esta família, principalmente o pai, atribui aos estudos, ao conhecimento, não é o suficiente para compensar a decepção presente na mãe – mulher que se ocupa em admirar o saber inatingível do marido e em cuidar dos filhos, particularmente de Rafael, o terceiro, o caçula o último.

Num determinado momento, os medos se acentuam, medo de ficar preso, não poder ir ao shopping, a qualquer lugar fechado. Os pais entendem que ele está piorando, mas para mim, fica evidente que os sintomas fóbicos trazem uma organização do espaço, algumas defesas e principalmente, são passíveis de interrogação, diferente das somatizações, que traziam para o espaço da análise um silêncio.

Ficar preso no shopping, mas acima de tudo, medo e desejo (que a fobia põe em cena estas duas facetas) de ficar preso num lugar que ocupa junto à família, o caçula, o mais próximo ao desencanto da mãe com a vida conjugal, com a passagem do tempo.

Lugar temido, mas também fonte de orgulho, o que aparece em várias construções, por exemplo num jogo de bolinha de gude, onde a menor, a mais frágil é sempre colocada à frente dos embates para poupar as mais fortes.

E o pai?

“Isto não é tão simples” considera Lacan, num determinado momento do seminário, convocando os seus ouvintes a concordar com ele.

Faz críticas ao pai de Hans a quem atribui duas mães, devido ao apego, mantido à própria mãe; aponta também o seu duplo fracasso: em interditar a mãe de Hans e em não possibilitar a este uma identificação que não fosse materna.

O pai estava presente, gentil e amoroso, mas inoperante como função Nome do Pai que permite metaforizar o desejo materno.

Quando o pai se coloca aquém desta função, a criança perde seu suporte identificatório, ficando entregue à sua angústia.

“É no lugar desta falta que o significante fóbico fará sua presença”.

“A fobia surge diante de um elemento que cumpra a função de pai, de barrar o excesso de gozo experimentado na relação com a mãe”.

Para concluir, volto ao Rafael.

Ele fica supresso quando encerro a sessão: “Por hoje terminamos Rafael”.

Mais surpreso ainda, fica quando algum tempo depois, repete a frase de forma invertida, porque dirige a mim e no início da sessão.

Uma espécie de jogo se instala, como se ele brincasse de fazer suas as minhas palavras, achando graça neste ensaio de saída.

E qual seria?

Talvez a passagem pela fobia, nomeada por Lacan como placa giratória, tratada em transferência, lhe permita deixar de ser resposta à questão dos pais e passe a ter sua própria pergunta.

Referências Bibliográficas

DIAS, Mauro Mendes. **Anotações de aulas e seminários no Instituto VOX**.

LACAN, Jacques. **O Seminário** – livro 4 – a relação de objeto. Tradução: Procópio de Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VORCARO, Ângela. **Crianças na psicanálise clínica, instituição, laço social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, v. 208, 1999.

LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

NASIO, J. D. **As formações do objeto a**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SAFOUAN, Moustapha. **Lacaniana I**. Os seminários de Lacan. 1953-1963. Campanha de Freud, 2006.

MELMAN, Charles; LACÔTE, Christiane; CHEMAMA, Roland et al. **A Fobia**: Estudos clínicos sobre o seminário “A relação de objeto” de J. Lacan. São Paulo: Revinter. Coleção Freudiana; 1994.